

# Peitoral de ouro proveniente de Castro Marim

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA\*

## RESUMO

Publica-se um peitoral de lâmina de ouro decorada com figuras de bovídeo obtidas por estampilhagem, alegadamente proveniente de Castro Marim (Algarve, Portugal). A peça foi recentemente incorporada na colecção do Museu Nacional de Arqueologia por aquisição.

A tipologia e a iconografia da peça permitem atribuí-la a uma oficina do Mediterrâneo Oriental, provavelmente cipriota, não estando anteriormente documentadas peças comparáveis na Península. A análise por Espectometria de Fluorescência de Raios-X corrobora a proveniência extra peninsular do metal. A peça datar-se-á entre os sécs. X e IX a. C.

Os mecanismos de intercâmbio que conduziram à transferência da peça para a Península são discutidos a partir de outras evidências coetâneas.

Palavras-chave: ourivesaria – período orientalizante – Chipre

## ABSTRACT

*This paper publishes a breast-plate of sheet gold, decorated with stamped oxen. Allegedly the piece comes from Castro Marim (Algarve, Portugal) and it was recently bought by the National Museum of Archaeology.*

---

\* Museu Monográfico de Conímbriga. E-mail: director@conimbriga.pt

*Tipology and iconography allow to attribute its manufacture to the Eastern Mediterranean, maybe a Cyprus workshop, of which no pieces have been documented in Iberia prior to this find. X-Ray Fluorescence Spectrometry apparently concurs in the non-peninsular origin of the metal. The piece is to be dated between the 10th and the 9th c. BC.*

*Exchange mechanisms conducing to the travel of the piece to Iberia are discussed with contemporary evidence.*

*Key-words: Jewellery –Orientalizing Period – Cyprus*

## PEITORAL DE OURO PROVENIENTE DE CASTRO MARIM

### AQUISIÇÃO

No ano de 2004, o Museu Nacional de Arqueologia adquiriu a Henrique Ramos Seruca uma peça de ouro, propriedade da sua família há mais de uma década, de que se diz ser proveniente de Castro Marim (lato senso) tendo sido encontrada em trabalhos agrícolas. O autor da presente notícia foi consultado no âmbito do processo de autenticação do objecto, prévio à sua aquisição, o que ditou o seu envolvimento no estudo da peça e a autoria desta publicação.

Está perdido todo o contexto do achado ou a possibilidade de o reconstituir, ainda que apenas fosse mediante um relato da descoberta. Não se viram, todavia, razões para duvidar da genuinidade da data já algo recuada da descoberta, não se tendo colocado seriamente a hipótese de estarmos perante a tentativa de branqueamento de uma recolha ilegal nossa contemporânea, pois a peça não constava na base de dados da Interpol (consulta de 10 de Outubro de 2003).

Como mais adiante se explica, o achado, surpreendente como é, não se pode considerar implausível num local na região de Castro Marim, onde a presença oriental é bem conhecida ao longo de toda a Idade do Ferro e que faz parte da área geográfica geral onde se situa Huelva, no estuário dos rios Tinto e Odiel, onde a evidência de contactos e intercâmbio a larga distância durante o Bronze Final é muito importante (Arruda, 2002, p. 36-53).

Desta forma, foi possível, não só aceitar a legitimidade da peça e da sua aquisição pelo MNA, como brindar a arqueologia peninsular da época das colonizações arcaicas com esta belíssima peça, evidência de intercâmbio com o Mediterrâneo Oriental no fim do segundo Milénio antes de Cristo.

## DESCRIÇÃO

A peça aqui noticiada é uma lâmina de ouro com 167 x 32 mm e uma espessura rondando 0,2 mm (média empírica de cerca de seis observações em pontos não decorados). Pesa 10,12 g.

A sua forma geral rectangular é perturbada nos extremos por recortes que lhe conferem uma forma terminal arredondada, assimétrica, peraltada; o lado mais pronunciado do recorte marca a base da peça (segundo a qual se orienta a iconografia). Outras pequenas alterações da forma geométrica original devem-se, aparentemente, às condições de conservação da peça, geralmente boas, mas que, devido à reduzida espessura da lâmina do metal dúctil, apresenta deformações de alguma importância.

Existe, todavia, alguma irregularidade devido ao próprio processo de fabrico: verificamos que o recorte da peça foi obtido após a execução da decoração, que é cortada num ou noutro ponto (caso do início do recorte curvo inferior do lado direito ou do bordo superior entre o primeiro e segundo bovídeo, a contar da esquerda); noutros locais a tentativa de conseguir um desenho regular dos bordos da peça levou a deixar uma pequena orla não decorada entre a fila de estampilhas marginais e a linha de corte, o que se pode julgar não ter sido intenção original do artífice. Podemos colocar a hipótese de estas irregularidades se deverem às naturais hesitações da linha de traçado de uma sucessão de pequenas estampilhas justapostas, certamente aplicadas sem traçado preparatório.

A decoração da peça pretendeu conseguir um efeito de friso, da seguinte forma:

– Uma estampilha (com um círculo e quadrado) foi utilizada para delimitar toda a peça desenhando a sua forma que, como referimos, foi posteriormente recortada seguindo grosseiramente o contorno exterior. Esta mesma estampilha foi utilizada para delimitar as extremidades curvilíneas da peça do corpo rectangular central, ficando a peça dividida em três zonas; duas nas extremidades, sub-triangulares de limites exteriores curvilíneos, que se destinaram à fixação da peça a um suporte ou directamente ao seu portador e uma outra central desenhando um rectângulo aceitavelmente rectangular com 9,5 x 3 cm.

– A segunda estampilha, radial, foi utilizada apenas em oito impressões. Essencialmente serviu para decorar os campos das extremidades, com três impressões dispostas em linha, de cada lado. Outras duas impressões separam os bovídeos do campo principal, em posição centrada.

– O motivo essencial da peça é uma representação de bovídeo, de que se obteve um friso pela repetição da mesma matriz por três vezes, sendo estas pontuadas pela referida estampilha radial.

As estampilhas, que acima referimos em abstracto, constituem o elemento essencial da decoração da peça. Identificamos seguramente três estampilhas, uma figurativa e duas geométricas, e um possível terceiro elemento, que pode todavia ser apenas uma marca aposta na estampilha figurativa. Pormenorizemos a descrição dos elementos figurados:

– A primeira estampilha geométrica produziu um círculo em relevo centrado num quadrado em baixo-relevo. O círculo tem 4,4 mm de diâmetro, o quadrado tem 5,5 mm de lado.

– A segunda estampilha produziu um círculo radiado, marcado por oito pequenas cunhas em baixo relevo. O diâmetro máximo do círculo é de 5,4 mm.

– A estampilha figurativa representa um bovídeo do sexo masculino, em posição de marcha, sendo especialmente evidente a musculatura das patas e a pele do pescoço (marcada com duas pregas), traço esse muito comum em toda a iconografia oriental e orientalizante dos bovídeos. É especialmente cuidada a representação da cabeça do animal, de que é indicada a posição frontal; com subtileza, mas assinalável precisão se atendermos à dimensão da estampilha e às limitações técnicas da própria estampagem, são apontadas a armação, as orelhas e, sob a forma de ligeiras protuberâncias, os olhos do animal. É ainda marcada a linha de solo. A figuração mede 18,4 x 15,5 mm.

A qualidade da impressão das três representações da estampilha figurativa é desigual; isto é importante para a descrição dos elementos restantes. Fazemos a nossa descrição a partir da melhor conservada, que é a do lado esquerdo.

Sobre a armação do animal observam-se dois traços cruzados, de que restam apenas vestígios na representação do centro. Todavia, é seguro que se trata de uma única matriz, fazendo estes traços, portanto, parte integrante da iconografia pretendida originalmente.

Acima destes traços verifica-se, apenas na representação do lado esquerdo, dois traços curvos ligados, de que não descortinamos sentido: parecem, ainda assim ser produzidos da mesma forma que a representação principal.

Abaixo da linha de solo sob as patas traseiras surge outro elemento curvilíneo de significado não aparente; que fazia parte da estampilha original é corroborado pelos vestígios na representação central e, muito ténues, na do lado direito.

O efeito global é de uma peça rectangular decorada por um friso de bovídeos representados com grande linearidade; a decoração da peça é conspícua, mas não se trata de uma decoração barroca ou exuberante, mas sim contida e geometricamente racionalizada.

Sobre a técnica de execução:

– as estampilhas circulares foram manifestamente aplicadas por acção de um punção desde o anverso da peça. Esta acção, aliás, foi suficientemente enérgica para produzir o rasgamento da lâmina num ou noutro ponto. De uma maneira geral a primeira das estampilhas era tão relevada que a altura produzida na decoração foi, no decurso da utilização ou do soterramento da peça, sujeita a um processo de alisamento, que deixou em muitas das aplicações um efeito característico. Houve ainda alguns batimentos duplos do punção.

– a técnica utilizada para a estampilha dos bóvídeos parece ter sido diferente, tratando-se mais provavelmente de um trabalho obtido por matriz figurada em baixo relevo e punção rombo operado desde o reverso.

Avaliando a qualidade de cada uma das representações colocaríamos a hipótese de o artífice ter iniciado o trabalho da direita para a esquerda sobre o reverso da peça, desenhando o friso de bóvídeos (o primeiro com mais cuidado os outros dois progressivamente menos cuidados). Numa segunda fase, trabalhando sobre o anverso da peça, ter-se-á desenhado o contorno global do objecto com a primeira estampilha e aplicado a estampilha radiada; desta, uma das impressões obliterou parte do bóvídeo – mais do que motivo de enchimento parece ter havido uma preocupação com a geometria da figuração. O fabrico do objecto terminou pelo recorte final e pela criação do sistema de suspensão, reduzido a duas perfurações nas extremidades, também obtidas a partir do anverso.

## ESTUDO ANALÍTICO E COMPARATIVO

Aquando da sua primeira identificação a peça de Castro Marim foi imediatamente associada ao peitoral de Hórus alado, proveniente dos túmulos reais de Byblos, actualmente conservado no Museu do Louvre (Cullican, 1966, p. 23-6). Esta primeira identificação conduziu a perspectiva essencial do estudo estilístico comparativo da peça entre a ourivesaria de lâmina de ouro da segunda metade do segundo milénio antes de Cristo. Não se trata de um universo particularmente rico, bem documentado ou muito estudado, mas essa indagação revestiu-se, todavia, de algum interesse. É para além disso necessário fazer notar que uma pesquisa mais alargada na bibliografia de base permitiria porventura a identificação de outros paralelos interessantes, entre peças fragmentárias ou outras evidências (designadamente as historiográficas) que não são tão frequentes na bibliografia de topo (catálogos de museus ou de exposições, obras de carácter geral, etc.) que foi possível localizar nas bibliotecas portuguesas. No entanto foi necessário adoptar uma perspectiva pragmática e proceder à publicação da peça com os dados disponíveis, sem que pareça ter-se cometido por ignorância algum erro desastroso.

A peça do Louvre, no entanto, não é um bom paralelo estilístico para a peça de Castro Marim, que se inscreve num conjunto de ourivesaria de uso funerário (e apenas funerário, já que as peças não têm condições estruturais para um uso normal), que se pode designar por sub-micénico (Konstantinidi, 2001, p. 261). Melhores paralelos são duas peças, um tapa-boca proveniente de Enkomi e um diadema também proveniente de Chipre, conservados no Museu Britânico (Tatton-Brown, 1987, p. 8; Marshall, 1962, cat. n.º 102 e 194).

Do conjunto de peças que recenseámos, a funcionalidade mais frequente é a do diadema, que além do mencionado ocorre também em Yeroskipou, Chipre (Maier et al., 1984, p. 88), e vários locais na Grécia Continental, como em Atenas (Platz-Horster, 2002, p. 15, cat. n.º 3), especificamente do Kerameikos (Gehrig et al., 1990, p. 23, cat. n.º 89) e noutros locais da Ática (Boardmann, 1973, p. 74-5) e Eubeia, designadamente Lefkandi (Popham et al., 1980).

As peças de Skyros na colecção da Fundação Goulandris, em Atenas (Marangou, 1985, p. 50-2 e 144, cat. n.º 230-233) ainda integráveis neste grupo, alertam, todavia para a grande variabilidade formal e funcional que se pode esperar nestes adornos fúnebres, na tradição micénica (Konstantinidi, 2001, p. 21-54).

Mencione-se ainda que a técnica decorativa da peça de Castro Marim recorda aspectos de um par de coroas de ouro com representações de uma deusa, provenientes de Chipre, conservadas na Walters Art Gallery em Bóston (Cullican, 1966, p. 102).

Fora do Mediterrâneo Oriental, ourivesaria deste género é conhecida no sul de Itália: um diadema em Braida, Vaglio di Basilicata, Potenza (Setai, 1996, p. 109-16) e um peitoral fragmentário em Sybaris, (Guzzo, 1996, p. 471-80; Carratelli, 1996, p. 472, cat. n.º 102) mas o estilo das figurações é completamente distinto, de pormenores absolutamente clássicos (palmetas, frisos de ovas, etc.). A expansão da técnica para Ocidente é, no entanto, interessante e digna de nota.

O grupo estilístico em que há que integrar a peça de Castro Marim fica assim delimitada por exclusão entre a peça de Byblos, levantina, datável pelos materiais associados nos túmulos cerca de 1800 a. C. (Cullican, 1966, p. 23-26), e as peças de Itália, helenizantes, datáveis em inícios do séc. VI a. C. (Guzzo, 1996, p. 471-80).

Daquelas peças mais intimamente pertencentes à tradição que nos importa, as de proveniência continental têm sido atribuídas a oficinas itinerantes de origem rodíota ou cipriota (Boardmann, 1973, p. 74-5), ou pelo contrário a uma invenção ática (Platz-Horster, 2001, p. 15). Estilo e materiais associados enquadram estas peças no período Geométrico Tardio, à volta do séc. IX a. C, avançando a cronologia por vezes até ao séc. VIII. É também esta a data proposta (com idênticos argumentos) para as peças de Skyros (Marangou, 1975, id. 1985, p. 50-2).

As peças de Chipre têm uma cronologia mais variada, estendendo-se desde o séc. XIII a. C., data apontada para peças como a de Yeroskipou (Maier et al. 1984, 88), decorada com uma única estampilha repetida de forma a cobrir toda a peça, até ao séc. VIII a.C., para peças plenamente orientalizantes pela sua decoração, técnica e funcionalidade, como as coroas de ouro conservadas em Bóston (Cullican, 1966, p. 102).

Parece-nos evidente que a peça de Castro Marim não partilha das características orientalizantes de peças como as coroas de ouro de Bóston, tratar-se de uma peça mais antiga, mais ligada à tradição micénica. Diverge desta, no entanto, pelo uso de múltiplas estampilhas e pela sobriedade da decoração aplicada. Relativamente às peças gregas do período geométrico, a peça de Castro Marim mostra também um diferente cuidado e subtileza na decoração, que aconselharia uma datação anterior. Sugerimos, portanto, que a peça de Castro Marim provém de uma oficina cipriota e se datará entre os sécs. X e IX a. C..

Quanto à proveniência não-peninsular da peça, a questão foi abordada através de uma análise por Espectrometria de Fluorescência de Raios-X, dispersiva de energias, levada a cabo no Laboratório de Química do Instituto Tecnológico e Nuclear, em Sacavém, na fase de autenticação da peça.

A peça foi analisada numa área circular de cerca de 3 cm de diâmetro, na superfície interna junto ao terminal esquerdo. Foram utilizadas três condições de excitação de forma a poderem ser identificados os elementos maiores, menores e traço constituintes da peça, tendo-se também analisado um padrão de ouro puro. Os espectros obtidos identificaram claramente o material da peça como um ouro de elevada pureza, contendo apenas 3,45% de prata e teores vestigiais de ferro (0,40%), cobre (0,16%) e zinco (<0,005%) (Araújo, 2003).

Ouros com esta composição são muito raros, senão de todo inexistentes, na Península Ibérica (Hartmann, 1982, diag. 1; Pingel, 1992, p. 127).

Podemos portanto concluir, como primeiro aspecto da nossa indagação sobre a peça de Castro Marim, a sua atribuição a uma oficina do Mediterrâneo Oriental, provavelmente cipriota, indicada pelo estilo da peça e aparentemente corroborada pela análise da matéria prima, e a sua datação entre os sécs. X e IX a. C.. A contextualização de um achado desta natureza e cronologia no Ocidente da Península Ibérica será o objectivo da parte final desta notícia.

## ICONOGRAFIA

Importa fazer um breve comentário sobre a iconografia da peça.

A figura do touro reveste-se, no mundo mediterrânico, de uma enorme importância mágico-simbólica, mitológica e religiosa, por ser esse animal a grande



manifestação da força animal dentro do mundo domesticado (por oposição a ursos, lobos ou leões, manifestações da força animal residente na *silva*). O Boi Ápis é o corolário deste fenómeno.

Tratando-se de uma peça cipriota de finais da Idade do Bronze é legítimo e lógico procurar pela via egiptizante uma explicação iconográfica para o motivo dominante da peça de Castro Marim. Os modelos iconográficos, a par dos mesopotâmicos, influenciaram os artífices cipriotas dessa época e posteriores de uma forma muito assinalável (cf. ainda Aubet, 1969).

Mas impõe-se uma explicitação dos limites da explicação iconográfica: uma iconografia determinada tem duas facetas, que são o paralelo figurativo e a narrativa mítica subjacente; a identificação do primeiro não autoriza à extrapolação da segunda.

Isto é reforçado no caso vertente pela particularidade do objecto representado sobre a armação do animal, para que não é evidente uma identificação nas figurações egípcias. Trata-se portanto de um localismo a explicar em contexto adequado e por investigadores abalizados.

O que nos importa é o facto de esta peça ser uma evidência material incontestável de um processo de transmissão de modelos artísticos que, especificamente a propósito das figuras dos bovídeos se tinha proposto, exemplificando com os marfins (Correia, 1992). Mas, neste momento, a questão do modelo iconográfico transmitido por esta peça (certamente entre outras) parece-nos menos crucial que a contextualização de um achado desta natureza e cronologia no âmbito dos mecanismos de intercâmbio que lhe correspondem.

## O PEITORAL DE CASTRO MARIM NO INTERCÂMBIO MEDITERRÂNICÓ

O contexto arqueológico mais importante para a compreensão dos mecanismos de intercâmbio que levaram a que o peitoral de Castro Marim viesse para a Península Ibérica em finais do segundo milénio a. C. é o conjunto de bronzes do Castro da Senhora da Guia, em Baiões (Silva et al., 1984). O principal carro votivo recolhido entre os desperdícios da oficina de Baiões, ainda que peça de produção local, tem os melhores exemplos do que deve ter sido o seu protótipo precisamente nas produções cipriotas.

Está documentado que estes carros fazem parte, em datas centradas no séc. IX a. C., do comércio marítimo no Mediterrâneo, de que outras peças características são os lingotes em forma de pele de boi (Cullican, 1966, p. 62-64). Destes, a sua importância está amplamente demonstrada pela utilização recorrente dessa forma característica em construções rituais da Idade do Ferro Peninsular (Maia, 1987; Celestino, 1994).

Os carros votivos cipriotas importados para a Península Ibérica, dos quais um serviu de modelo ao artífice de Baiões, faziam parte de uma corrente de intercâmbio de larga duração que liga todas as costas e ilhas mediterrânicas e, acessoriamente, a costa atlântica da Península. A esta corrente de intercâmbio se deve atribuir a importação da patera encontrada com o par de torques maciços de ouro de Berzocaña, talvez com origem no Egipto (Schauer, 1983), a importação de Chipre ou da Grécia insular, de peças como os vasos fragmentários de El Carpio e da Nora Velha (Jimenez, 2002, p. 152-4) ou a importação dos capacetes de tipo anatólico identificados no depósito da Ria de Huelva (Schauer, 1983; Burgess, 1991).

Trata-se, em suma, de um conjunto de materiais, disperso cronologicamente entre o final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro e disperso geograficamente por toda a fachada sudoeste da Península (sem que as Colunas de Hércules pareçam ter sido obstáculo de monta à circulação).

Parece possível avançar um pouco mais na reconstituição dos mecanismos de intercâmbio que formam esta corrente. A primeira peça que referimos no estudo comparativo, o peitoral dos túmulos reais de Byblos, provém de um contexto em que são relativamente abundantes vasos de pedra egípcios, presentes dos faraós aos reis locais, documentando-se cartelas de Amenemhet III (1844-1797) e Amenemhet IV (1799-1787), (Cullican, 1966, p. 23-26). A data do reinado do faraó é importante apenas na medida em que constitui *terminus post quem*, pois estas peças têm particularidades de sobrevida muito especiais, e obviamente que podiam ser oferecidas muito tempo depois da sua execução. Vasos de alabastro de proveniência egípcia são também conhecidos na Península Ibérica, em Almuñecar, estando documentados os faraós Apofis I (XV<sup>a</sup> d., 1585-1542), Osorkon II (22.<sup>a</sup> d., 924-909), Takelot II (22.<sup>a</sup> d., 860-835) e Sheshonq III (22.<sup>a</sup> d. 835-783) (Molina, 1986, p. 193-216). Temos desta forma o referido conjunto de materiais cronologicamente enquadrado por uma outra série de peças de muito alto prestígio intercambiadas no espaço mediterrânico.

O peitoral de Castro Marim deve certamente ter feito parte dessas ofertas (?) de topo, mas sabemos que esse intercâmbio envolvia também materiais de menor entidade, como as fíbulas, que são o objecto mais frequente associável a esta problemática. Todavia, quando passamos de materiais raros e de características muito marcadas, para outros mais simples, podem existir mecanismos de imitação local que temos dificuldade em distinguir, e não dispomos de investigação arqueometalúrgica que nos permita distinguir finamente estas situações.

O que é certo é que, como é muito repetido, a panóplia de objectos que circularam é superior aquela que conhecemos de forma directa nos achados

arqueológicos, como demonstra a panóplia dos chefes locais representada nas estelas de tipo extremenho (Gomes et al. 1977; Burgess, 1991). O achado da peça de Castro Marim é uma das felizes circunstâncias em que a realidade por trás destas representações nos é revelada, tal como com os enterramentos da Roça do Casal do Meio (Cardoso, 2000, com todas as referências); isto deve contribuir para pôr de lado interpretações das representações das estelas como conjuntos meramente ideológicos, sem contrapartida real no equipamento das sociedades.

Diga-se aliás que, ainda que possa tratar-se apenas de uma coincidência, é interessante verificar que a peça de Castro Marim é um peitoral, quando sabemos a importância que a representações de peitorais tem nas estátuas-estelas do Bronze Final do Ocidente Peninsular. Estas coincidências podem acontecer apenas enquanto tal, acasos fortuitos, mas pode dar-se também o caso de a importância ritual dos objectos ter favorecido a sua conservação no registo arqueológico.

O que certamente não se trata de coincidência é o facto de em datas contemporâneas e imediatamente seguintes à importação da peça de Castro Marim (e de outras que terão existido) a ourivesaria do Sudoeste Peninsular entrar numa fase de profunda renovação técnica, mantendo todavia a ligação às tradições anteriores das jóias maciças e de Villena-Estremoz, aliás já algo miscigenadas em peças como as de Sintra, Cantonha e outras (Correia, 2007). A peça de Castro Marim foi sem dúvida, na sua época, um exemplo de grande interesse para os ourives peninsulares de trabalho do ouro em lâmina. A lição seria rapidamente aprendida, junto com a do granulado, como os tesouros de Moura e do Gaio testemunham.

## CONCLUSÃO

A peça de Castro Marim é um peitoral produzido em lâmina de ouro por uma oficina provavelmente cipriota, segundo a tradição local post-micénica de jóias destinadas exclusivamente ao uso funerário, donde a sua fragilidade e pouco peso. Poderá datar-se entre os sécs. X e IX a. C. É a primeira vez que uma peça comparável é identificada na Península Ibérica.

Esta peça foi importada para a Península Ibérica no âmbito dos mecanismos de comércio e trocas que operavam por todo o Mediterrâneo nessa época que, sem solução de continuidade no que diz respeito ao intercâmbio, rematava o Bronze Final Atlântico e anunciava o período das colonizações arcaicas (recentemente Ruíz-Galvez, 2005). Aí desempenhavam um papel importante alguns itens de grande prestígio, presentes régios por vezes com origem no Egipto faraónico, alguns sucessivamente transmitidos, mas todos eles com um enorme impacto na

ideologia dos *reguli* locais. Paradigma destes bens são os despojos do saque de Tróia, na Ilíada, ou ainda, na Odisseia, os presentes do rei dos Feaces a Ulisses (Correia, 2000, p. 414-415).

Os vários sectores das sociedades locais, e designadamente os artífices, souberam aprender com estas peças e inovar as suas próprias produções. Mas o intercâmbio não se limitava a estes bens de especial prestígio, havendo outros bens de menor qualidade, mas não de menor impacto, em circulação, e em todos os sectores o fenómeno se repetiu, preparando a época de profunda renovação onde se cristalizou o fenómeno orientalizante.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el periodo orientalizante en Extremadura*. Madrid: C.S.I.C. (BPH; 14).
- ARAÚJO, M. F. (2003) – Análise por Espectrometria de Fluorescência de Raios-X, Dispersiva de Energias, de jóia pré-histórica de Castro Marim. Sacavém: ITN. Relatório.
- ARRUDA, A. M. (2002) – *Los Fenícios en Portugal*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. (Cuadernos de Arqueologia Mediterrânea; 5-6).
- AUBET, M. E., (1969) – Cuencos fenícios de Preneste. *Cuadernos de Trabajos de la Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma*. Roma. XIII, p. 19-52.
- BOARDMANN, J., (1973) – *The greeks overseas*. Londres: Thames & Hudson.
- BURGESS, C. (1991) – The East and the West: Mediterranean influence in the Atlantic world in the Later Bronze Age, c. 1500-700B.C.". In CHEVILLOT, C. E; COFFYN, A. eds. – *L'Age du Bronze Atlantique*. Beynac : A. Mu. Sa. p. 25-45. Actes du 1er Colloque du Parc Archéologique de Beynac.
- CARATELLI, G. P., ed. – 1996: *The Greek World*. Nova Iorque: Rizzoli. Catálogo da exp. Pal. Grassi.
- CARDOSO, J. L. (2000) – A sepultura da Roça do Casal do Meio (Sesimbra) no quadro dos rituais funerários da Idade do Bronze da Baixa Estremadura. *Discursos*. S. II, n.º 2, p. 243-51.
- CELESTINO, S. (1994) – Los altares en forma de lingote chipriota de los santuarios de Cancho Roano. *Revista de Estudios Ibéricos*. 1, p. 291-309.
- CORREIA, V. H. (1986) – Um bronze tartéssico inédito: o touro de Mourão. *Trabalhos de Arqueologia do Sul* 1, p. 33-48.
- CORREIA, V. H. (1992) – Notas sobre torêutica orientalizante em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, n.º 8-10, p. 247-58.
- CORREIA, V. H., 2000: "Arqueologia Proto-histórica e modelos de interpretação". In JORGE, V. O., coord. – *Proto-História da Península Ibérica*. Porto: ADECAP. Vol. V, p. 413-27. Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular.
- CORREIA, V. H. (2007) – The Iron Age transition in the Goldwork of Western Iberia.

- In BURGESS, Ch.; TOPPING, P.; LYNCH, F. – *Beyond Stonehenge: Essays on the Bronze Age in Honor of Colin Burgess*. Oxford: Oxlou loofs.
- CULLICAN, W. (1966) – *The first merchant venturers*. Londres: Thames & Hudson.
- GEHRIG, U. E; NIEMEYER, H. G., eds. – 1990: *Die Phönizier im zeitalters Homers*. Mainz: Vg. Ph. v. Zabern. Catálogo exp. Kestner-Museum Hanover.
- GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. (1977) – As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel – Beja). Estudo comparado. *Setúbal Arqueológica* Setúbal. 2-3, p. 281-344.
- GUZZO, P. G., 1996: “The jewelry of the Western Greeks”. In CARATELLI, G. P., ed. – *The Greek World*. Nova Iorque: Rizzoli. Catálogo exp. Pal. Grassi, p. 471-80.
- HACKENS, T.; WINKES, R., eds. (1983) – *Gold Jewellery*. Louvain-la-Neuve: Inst. Sup. d’Archeologie et de Histoire de l’Art. (Aurifex; 5).
- HARTMANN, A., (1982) – *Prähistorische Goldfunde aus Europa*. Berlin: Gebr. Mann Verlag. Vol. II (Studien zu den Anfängen des Metallurgie; 5).
- HIGGINS, R. A. (1961) – *Greek and Roman Jewellery*. Londres: Methuen.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002) – *La toréutica orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid, Real Academia de la Historia. (Bibliotheca Archaeologica Hispana; 16).
- KONSTANTINIDI, E. M. (2001) – *Jewellery revealed in the burial contexts of the Greek Bronze Age*. Oxford: Hadrian Books. (BAR IS; 912).
- LAFFINEUR, R. (1978) – *L’orfèvrerie rhodienne orientalisante*. Atenas: École Française d’Athènes. (Travaux et mémoires des anciens membres étrangers de l’école et de divers savants; fasc. 21).
- MAIA, M. G. P. (1987) – Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal. In *Actas del IV Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*. Vitoria: Un. País Vasco. p. 223-42. (*Veleia*; 2-3).
- MAIER, F. G.; KARAGEORGHIS, V. (1984) – *Paphos. History and Archaeology*. Nicosia: Fund. A. G. Leventis.
- MARANGOU, L. I. (1975) – Bijoux en or, Collection N. P. Goulandris. *Bulletin de Correspondance Héléniqne*. 99.
- MARANGOU, L. I. (1985) – *Ancient Greek art*. Atenas: Fund. N. P. Goulandris.
- MARSHALL, F. H. (1962) – *Catalogue of the Jewellery, Greek, Etruscan and Roman in the Departments of Antiquities, British Museum*. Londres: Trustees of the B. M..
- MOLINA FAJARDO, F. (1986) – Almuñecar a la luz de los nuevos hallazgos fenicios. In OLMO LETE, G.; AUBET, M. E., eds. – *Los Fenicios en la Península Ibérica*. Sabadell: Ed. AUSA. Vol. I, p. 193-216.
- OHLY, D. (1953) – *Griechische Goldbleche des 8. Jahrhunderts v. Chr.* Berlin: Gebr. Mann Verlag.
- PALTZ-HORSTER, G. (2002) – *Ancient Gold Jewellery*. Berlin: Vg. Ph. v. Zabern Cat. Antikensammlung Staatliche Museen zu Berlin).
- PINGEL, V. (1992) – *Die vorgeschichtlichen Goldfunde der Iberischen Halbinsel* Berlin: W. De Gruyter, (Madrider Forschungen; 17).
- POPHAM, M. R.; SACKETT, L. H., eds. (1980) – *Lefkandi I. The Iron Age*. Londres: British School at Athens.
- RIDGWAY, D. (1996) – Relations between Cyprus and the West in the Precolonial world. In CARATELLI, G. P., ed. – *The Greek World*. Nova Iorque: Rizzoli. p. 117-20. Cat. exp. Pal. Grassi.

- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (2005) – Der Fliegende Mittelmeermann. Piratas y héroes en los albores de la Edad del Hierro. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. – *El Período Orientalizante*. Madrid: CSIC. p. 251-275 (Anejos de AEspA; XXXV).
- RUIZ-GÁLVEZ, M. (1998) – Weight systems and exchange networks in Bronze Age Europe. In PARE, C. F. E., ed. – *Metals make the world go round*. Oxford: Oxbow Books. p. 267-79.
- SCHAUER, P. (1983) – Orient im spätbronze- und früheisenzeitlichen Occident”. *Jarbuch der Römisch-Germanisch Zentralmuseum Mainz*. 30, p. 175-94.
- SETARI, E. (1996) – Grave goods from tom 102 at Braida (Vaglio Basilicata, Potenza). In CARATELLI, G. P., ed. – *The Greek World*. Nova Iorque: Rizzoli. p. 642-3. Cat. exp. Pal. Grassi.
- SILVA, A. C. F.; SILVA, C.T. E LOPES, A. B. (1984) – Depósito de Fundidor do Final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul). *Lucerna – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*. Porto. p. 73-110.



Fig. 1 – Peitoral de Castro Marim. Aspecto geral do anverso.



Fig. 2 – Peitoral de Castro Marim. Aspecto geral do reverso.

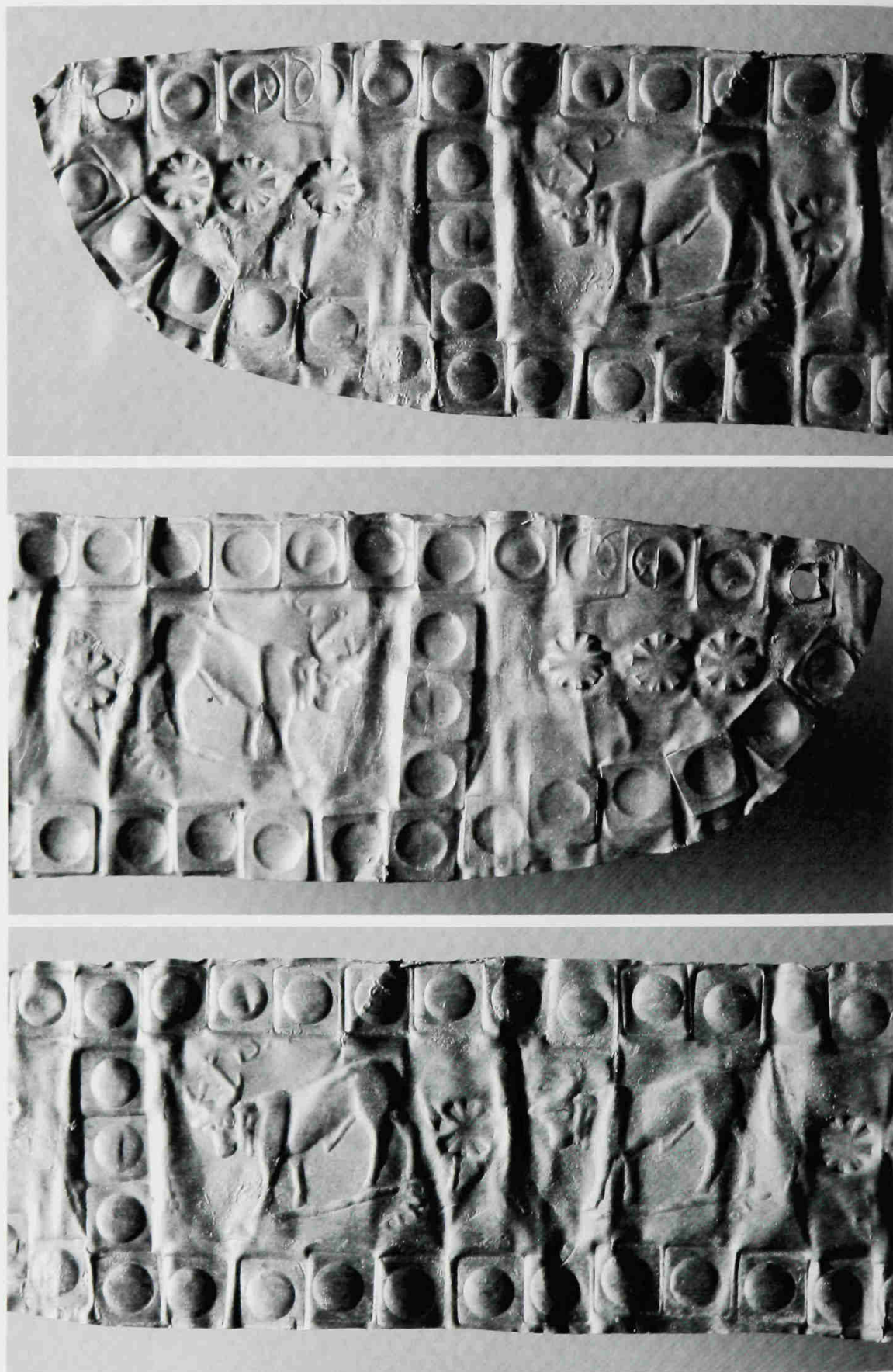


Fig. 3 – Peitoral de Castro Marim. Pormenores: a – Métopa direita, anverso; b – Métopa direita, reverso; c – Métopa central, anverso; d – Métopa central, reverso; e – Métopa esquerda, anverso; f – Métopa esquerda, reverso;



